

# ALMANAQUE *dos Imigrantes*

Fascículo nº 32

Abril de 2023



## INDONÉSIA

Conheça a história  
e cultura dos  
**indo-holandeses**  
em Carambeí

## PASSO A PASSO

Aprenda a conservar fotos  
e documentos pessoais

## TRADIÇÕES TROPEIRAS

Conheça a indumentária

# APRESENTAÇÃO



É com satisfação que a Associação Parque Histórico de Carambeí anuncia mais uma edição da publicação Almanaque Imigrantes. São mais de uma década de existência do periódico desde seu lançamento, com conteúdo próprio, reflete o tema da imigração na realidade local e tem o objetivo de tornar pública a produção de conhecimento gerada pelo corpo técnico do museu ao longo desses anos, composto de historiadores, turismólogos, geógrafos, pedagogos, jornalistas e estagiários das suas respectivas áreas.

A multidisciplinaridade se faz imprescindível na atuação museal e isso reflete nos textos aqui apresentados de múltiplos olhares acerca da temática central de atuação do museu: o deslocar-se humano e os complexos processos migratórios. Além de refletir a construção histórica, geográfica, social e cultural da região.

Nesta edição apresentamos ao público o passado colonial da Indonésia no período do domínio holandês e como isso, de alguma forma, refletiu na composição étnico-cultural na colônia rural de imigrantes neerlandeses em Carambeí. Também propomos uma reflexão do passado colonial luso-brasileiro da região dos Campos Gerais do Paraná e a influência do tropeirismo nos hábitos e costumes da população nos dias de hoje.

Os documentos históricos usados como base de pesquisa para a produção dos textos apresentados revelam pormenores pouco conhecidos sobre aspectos culturais da colônia. O Almanaque é uma oportunidade de apresentar esse conteúdo aos visitantes e que esses possam se aprofundar aos temas da história de Carambeí. **Esperamos que tenham todos uma excelente leitura.**

Felipe Pedroso  
Historiador e Curador

## EXPEDIENTE:

Dick Carlos de Geus - **Presidente**  
Froukje de Jong - **Coordenação Geral**  
Felipe Pedroso - **Editor**  
Ana Paula Bonfim Martins - **Assessoria de Comunicação**

### Contribuições:

Karen Barros - **Coordenadora Cultural e Historiadora**  
Lucas Kugler - **Coordenador do Educativo e Historiador**  
Ana Mika - **Mediadora Cultural**  
Fernanda Rodrigues - **Mediadora Cultural e turismóloga**  
Guilherme Castro - **Mediador Cultural e Historiador**  
Ramon Sinhuri - **Estagiário do Educativo e Mediação**  
Vitória Reis - **Mediadora Cultural**  
Fernanda Homann Hrycyna - **Projeto Almanaque**  
Kwan Publicidade - **Projeto Gráfico**

# COMO CONSERVAR SEUS DOCUMENTOS PESSOAIS

Karen Barros

Preparamos algumas dicas de conservação para você cuidar de seus documentos, livros e fotografias em casa. São técnicas seguras e simples de serem realizadas. O mundo virtual transformou documentos em papel, fotografias e a relação com a leitura. Mas quem não tem em casa algum documento físico, muito importante, que não quer se desfazer? Ou fotografias antigas, de família que pretende guardar e preservar a memória? Os documentos de suporte em papel são sensíveis e precisam de alguns cuidados para manter a sua vida útil, são dicas bem simples que podem ser reproduzidas em casa.

## DOCUMENTOS PESSOAIS

**Dica:** Acondicionar os documentos em caixas, preferencialmente de poliondas ou herméticas, evitando exposição a luz e poeira. Alguns tipos de papéis, como os jornais, são ácidos e podem acabar manchando os outros documentos. Mesmo estando dentro das caixas, para evitar contato com outros tipos de papéis e tintas, é aconselhável guardar individualmente em um envelope.

Não dobre seus documentos, tente guardá-los abertos, as dobras podem se tornar rasgos no

**Materiais que podem ser utilizados:** Você pode acondicionar seus documentos de diversas maneiras, como caixas, jaquetas de proteção e envelopes. É aconselhável armazenar em materiais de qualidade arquivística que não interferem no tempo de vida dos documentos. Isso garante a manutenção e preservação do seu acervo pessoal, já que esses materiais não causam reações químicas, responsáveis por acelerar a degradação dos documentos. Os papéis devem ser neutros e livres de coloração. O papel alcalino é um bom substituto, esses são aqueles que usamos em impressoras.

**Grandes vilões:** Fitas adesivas, aquelas que normalmente se usa para fazer algum reparo, não deve ser utilizada. Dificilmente é possível realizar essa recuperação em casa, sendo aconselhado levar a um profissional se necessário.

Clipes de papel também devem ser descartados, pois causam manchas e oxidação no documento.

**Tipo de envelope:** Envelope em cruz, pode ser utilizado para armazenar seus documentos. Existem moldes gratuitos disponíveis na internet para confeccioná-los em casa.



## DICAS PARA CUIDAR DAS SUAS FOTOGRAFIAS



A fotografia é um dos materiais mais sensíveis e podem se deteriorar muito rapidamente, de acordo com temperatura, umidade e incidência de luz. Além disso as condições de manuseio e de guarda são muito importantes na sua conservação.

Para tocar as fotos sem deixar marcas, recomenda-se a utilização de luva. Se não tiver, você pode improvisar com cantoneiras de papel, dobrando triangularmente, encaixando no canto das fotos para poder manuseá-las sem deixar digitais, sujidades e gordura presente em nossas mãos.

Para guardar: Você pode guardar suas fotos em álbuns ou soltas numa caixa. Você pode confeccionar caixas e intercalar as fotografias com papel. Ou você pode ainda confeccionar envelopes com material de qualidade arquivística.

Antes de guardar é importante realizar a higienização, que é uma limpeza.

Você vai precisar de papel ou cartolina para forrar a mesa, uma trincha macia e um pincel soprador. A limpeza de fotos é um processo muito delicado.

O primeiro passo é utilizar o pincel soprador para retirar sujidades que podem vir a riscar ou danificar a fotografia, em seguida passar a trincha ou pincel macio, tanto na frente como no verso. Com esses cuidados suas fotos podem ter maior durabilidade.

## COMO CUIDAR DOS SEUS LIVROS

Você também pode cuidar dos seus livros em casa, removendo as sujidades que se acumulam com o tempo.

Para isso, escolha uma superfície limpa de trabalho e separe os seguintes materiais:

- **Folha para forrar a superfície**
- **Pincel ou trincha de cerdas macias**
- **Tecido de algodão ou microfibra**

**Higienização externa:** Passe o pincel nas laterais, empurrando a sujeira para fora, longe de você em sentido contrário ao miolo. Para a capa, passar o pincel frente, verso e na lombada. Você pode finalizar a limpeza com um tecido macio.

Caso você queira realizar uma limpeza completa como nos centros de memória e conservação, você pode limpar folha por folha. Nesse processo você precisará de EPI, como luvas, máscaras e touca. Além de tempo e muita paciência. Ao realizar esse procedimento você pode se surpreender com o que vai achar no meio dos seus livros. E aí, prontos para cuidar de seus livros e fotografias?

**Dica: Nunca use nenhum produto químico nos seus livros. Nem mesmo o álcool pode ser utilizado.**





# POR QUE IMIGRAR?

O foco do museu Parque Histórico de Carambeí é apresentar a temática e a memória da imigração holandesa em Carambeí. No entanto, não foi apenas o grupo étnico holandês que se estabeleceu na região, outros povos de diversas origens também contribuíram com a formação sociocultural da comunidade carambeiense. Este contexto histórico foi muito comum ao longo de diversas regiões do Brasil, principalmente entre o final do século XIX e o começo do século XX. **Mas por que isso aconteceu? Qual é o motivo, ou os motivos, que levam uma pessoa a imigrar e começar uma vida nova em um destino diferente do seu lugar de origem?**

Para responder essa pergunta, precisamos antes, entender o contexto histórico deste episódio. A imigração é um fenômeno social muito comum ao redor do mundo. Nós, seres humanos, somos seres migrantes em diversas épocas de nossa história estivemos buscando oportunidades melhores de vida em outros territórios. A primeira colônia de imigrantes não portugueses estabelecida no Brasil, foi em Nova Friburgo, no Rio de Janeiro – uma colônia de suíços nos anos de 1818 e 1819.

Durante o período Imperial, o Estado patrocinava algumas iniciativas para lançar colônias de imigrantes europeus ao longo do território brasileiro. No entanto, é somente no final do século XIX e no começo do século XX, que vemos uma grande leva adentrando o país, modificando a sua demografia (sobretudo no Sul e no Sudeste).

Estima-se que entre 1870 e 1930, entraram cerca 2 a 3 milhões de imigrantes no Brasil. Alemães, poloneses, italianos, portugueses, holandeses, árabes, russos, judeus, suíços, sírios, libaneses, espanhóis, japoneses e muitos outros, fizeram parte deste processo.

Na passagem do século XIX ao XX, algumas dessas imigrações marcaram a demografia de Carambeí, através da presença de imigrantes holandeses, alemães, poloneses, italianos e portugueses. O motivo da vinda destes imigrantes está ligado em sua maioria com uma série de mudanças sociais econômicas consequentes da Revolução Industrial. Efeitos como o aumento populacional na Europa, novas relações de trabalho, êxodos do campo para a cidade e desemprego eram alguns dos motivos que impulsionaram a imigração europeia para as Américas.

Aliado a estes motivos, temos tensões sociais geradas por questões políticas e novas ideologias emergentes, que posteriormente, resultaram em duas grandes Guerras Mundiais. No entanto, nem todas as famílias estavam necessariamente fugindo destes problemas. Também era comum um senso de "aventura", que se alinhava com o desejo de começar uma vida nova atravessando o Oceano Atlântico. Como foi o caso de muitos imigrantes que escolheram Carambeí como o seu novo lar.

# A Trajetória de William Vincent Muller

Nascido em Amsterdã, Holanda, em 25 de fevereiro de 1902, William Vincent Muller se tornaria uma das figuras mais proeminentes no processo de formação e consolidação das colônias holandesas nos Campos Gerais. Chegou em Carambeí no final de 1934, 'emprestado' pela Igreja Cristã Reformada dos Estados Unidos (Christian Reformed Church), para assumir no ano seguinte a função de pastor da recém instituída Igreja Evangélica Reformada.

Formado em Ciências Econômicas, interessado em bancos, negócios e governo, Muller viria a ser eleito presidente da Cooperativa Holandesa de Laticínios já no seu primeiro ano na colônia. Foi responsável pela sua organização comercial e financeira e sua atuação foi essencial na superação das primeiras crises, deixando para a próxima presidência, dois anos depois, uma situação favorável.

Pastor Muller deixaria Carambeí em dois momentos: na sua volta aos Estados Unidos durante a Segunda Guerra Mundial, e na ocasião da fundação da colônia Castrolanda, até onde acompanhou os novos imigrantes desde a Holanda, no início da década de 1950. Uma carta escrita pela Sra. de Jager a bordo do navio "Provence", relata que nem mesmo em trânsito os fiéis religiosos ficavam desamparados:

***"No domingo tivemos a visita do pastor Muller, sua esposa e filho. Eles viajam de primeira classe. Nós não podemos ir lá, mas agora eles vêm aqui todas as manhãs e o pastor dirige um culto matinal numa sala do restaurante, onde estamos escrevendo agora. Isto naturalmente nos fazia muito bem, particularmente na primeira vez, na manhã de segunda-feira, após um domingo sem culto."***

(Trecho retirado do livro Castrolanda 50 Anos)

Quando da criação da Sociedade Cooperativa Castrolanda, em 1951, Pastor Muller estava também presente, desta vez representando o governo da Holanda, do qual era cônsul no Brasil na ocasião.

Mas, pela segunda vez, tornou-se presidente de uma cooperativa recém criada, ficando no cargo em Castrolanda entre os anos 1952 e 1954, além de assumir o pastorado da nova Igreja Reformada. Ainda na década de 1950, surge o projeto de centralizar a industrialização do leite produzidos pelos cooperados de Batavo e Castrolanda, no qual, novamente,



Pastor Muller se engaja, entrando na diretoria da nascente Cooperativa Central de Laticínios do Paraná Ltda (CCLPL) que, mais tarde, vai acolher ainda a Cooperativa Agropecuária Arapoti Ltda (CAPAL), da colônia holandesa de Arapoti, mais uma criada com a ajuda de Muller, à frente da "Cooperativa de Imigração" que organizava e buscava recursos para a ocupação holandesa no sul do Brasil.

As associações, especialmente as de jovens e mulheres, criadas pelo Pastor Muller e sua esposa Charlotte, movimentavam a vida social das colônias nas quais atuavam. O terreno da sua casa em Carambeí era usado para piqueniques durante dias de festa na comunidade e várias celebrações eram organizadas com a ajuda do casal. As atividades recreativas consolidavam a identidade dos colonos enquanto torneios esportivos, passeios e retiros fortaleciam o intercâmbio cultural entre eles, sempre sob a benção do pastor e da Igreja. Com a figura do pastor, a religiosidade atravessava as diversas esferas da vida dos colonos.

Embora tivesse estado por muitas vezes em cargos de chefia, o pastor mantinha relação próxima com as comunidades imigrantes, não os deixando desassistidos com sua consultoria religiosa e financeira. A trajetória do Pastor Muller foi reconhecida pelo governo holandês que o condecorou como Cavaleiro na Ordem de Oranje Nassau e, mais tarde, como Oficial da mesma Ordem. Na sua última visita ao Brasil, na ocasião dos 25 anos da CCLPL, fez a pregação do culto na Igreja de Castrolanda. William Vincent Muller faleceu em 20 de junho de 1982, nos Estados Unidos.

**Ana Mika**

# Jubileu De Rubi da Rainha Guilhermina



Um pequeno objeto do acervo, uma cerâmica colorida com uma árvore de laranjas despertou curiosidade dos pesquisadores do museu. Tratava-se de um item comemorativo do Jubileu de Rubi da Rainha Guilhermina, mas qual a história dele? Ao se debruçar com outras fontes descobrimos um relato interessante sobre o mesmo.

Foi na revista comercial *De Bergcultures*, voltada para manter informações entre trabalhadores rurais nas Índias Orientais Holandesas, onde Roeland Vermeulen contribuía frequentemente em colunas do jornal com o título de *Reisindrucken van een oud-planter* (Impressões de viagem de um velho fazendeiro), que conseguimos vislumbrar a biografia do objeto. Na revista, o imigrante descrevia suas experiências e impressões na Colônia Carambehy, a qual via como um grande exemplo da preservação da cultura neerlandesa.

O Reino dos Países Baixos tem como forma de governo a monarquia constitucional desde 1815. A Princesa de Oranje, Guilhermina, foi investida ao trono com dez anos de idade em 1890 após a morte de seu pai, o Rei Willem III. Até o momento em que ela atingiu a maioridade, sua mãe, Emma, como Rainha Regente assumiu o reinado em seu lugar. Sendo coroada rainha em 6 de setembro de 1898, Sua Majestade Guilhermina reinou então por mais de cinquenta anos, e, sob o cargo de chefe de Estado, vivenciou duas guerras mundiais de 1940 à 1945 esteve em exílio com o gabinete real em Londres, a crise econômica neerlandesa, o colapso do poder colonial, e a descolonização da Indonésia.

Quando chegou a comemoração de seus 40 anos de reinado, em 1938, em todo o país houve celebrações em grande estilo. As escolas organizaram desfiles com carros e bandas, assim como os desfiles das forças armadas com pompas de gala no contexto do 40º aniversário da Rainha Guilhermina. As cores laranja, vermelha, branca e azul tremularam por toda parte. Outros chefes de estado e representantes de outros países também compareceram às festividades. E a Igreja Nieuwe em Amsterdã foi o local escolhido para a celebração formal, onde a Rainha foi recebida pelo povo que a saudava nas ruas.

Além dos desfiles culturais realizados em todas as regiões do Reino dos Países Baixos, houve também festas em suas colônias. Na Indonésia colonial os desfiles contaram com carruagens puxadas por cavalos com temas culturais especialmente de Bali e Java, com artistas provenientes tanto dos Países Baixos quanto locais.

O evento na colônia de imigrantes holandeses em Carambehy foi descrito por Roeland Vermeulen. Esses relatos foram publicados em 1938 na revista semanal *De Bergcultures*.

Roeland Vermeulen, de origem neerlandesa, trabalhou no setor de produção de culturas tropicais em diversas regiões no período em que esteve nas Índias Orientais, aproximadamente entre os anos de 1908 e 1937. No ano de 1937, viajou com sua família para o Brasil, e foram recebidos na colônia Carambehy onde desde o início fixaram residência, se sentindo desde o início pertencente à comunidade. Então em 1938 ele descreve o evento:

*Nossa colônia, no entanto, não foi deixada para trás na fila de compatriotas em sua própria pátria e em outros lugares do globo.*

Bem tanto o casamento da princesa Juliana com Bernardo como o nascimento da princesa Beatrix, Vermeulen relata a presença dos patriotas neerlandeses, no jubileu de 40 anos de governo da Rainha Guilhermina, no qual encontraram uma nova ocasião para se reunir em comemoração à antiga pátria.

Foi em 7 de setembro de 1938 que as comemorações do 40º aniversário de governo da Rainha ocorreriam, mas devido ao mal tempo a festa foi adiada para o dia 13 de setembro. Naquele dia o clima parecia perfeito. No início da manhã, logo após a abertura solene, discursada pelo presidente da ANV Rev. Muller, veio então um furacão e começou a chover, a festa mais uma vez teve de ser adiada.

Depois das duas tentativas frustradas para realizar a comemoração que devido as intempéries foi cancelada, em 20 de setembro de 1938, as bandeiras tricolores dos Países Baixos finalmente puderam ser hasteadas dando início às festividades na colônia. Várias atividades compuseram a comemoração, carroças decoradas com flores compunham a paisagem, segundo Roeland Vermeulen: uma loja de anéis para casais em carrinhos de duas rodas, uma feirinha com delícias holandesas de feiras para velhos e jovens, além do desfile e concurso de agilidade com cavalos que foi a principal atração do evento.

Ainda com todos os precedentes climáticos contrários, no dia 20 de setembro, na terceira tentativa, a comemoração resultou em uma grande comunhão entre os imigrantes e descendentes na colônia de Carambehy.

Vermeulen termina dizendo que O Amor e a Lealdade dos Holandeses de Carambehy por sua Casa Real foram novamente expressos de forma particular. Desta forma, podemos ver que mesmo em Carambeí, os colonos neerlandeses sentiam o apego às antigas terras longínquas do Mar do Norte.



# A PRESENÇA HOLANDESA NA Indonésia

Felipe Pedroso

No período em que as potências da Europa Ocidental dominaram o Sudeste Asiático, não existia Indonésia como se conhece hoje. O arquipélago, formado por milhares de ilhas, era governado por vários reinos, sultanatos e impérios. Às vezes coexistiam pacificamente e outras travavam estado de guerra entre si. O vasto arquipélago não possuía senso de unidade cultural, tampouco da unidade social e política que a Indonésia dispõe hoje.

O contato dos povos nativos com os holandeses teve início no período dos avanços marítimos da Holanda para controlar o lucrativo comércio de especiarias. Em 1602, a Companhia Holandesa das Índias Orientais (VOC) começou a colonizar partes da Indonésia, no entanto, mantendo uma relação mais comercial em acordos firmados com os reinados locais. Este modelo se distingue da colonização de dominação completa como a praticada pelos portugueses no Brasil no mesmo período, por exemplo.

A VOC tinha autorização para guerrear, se necessário, para construir fortalezas e fazer tratados em toda a Ásia assim que se instalasse no território. A capital foi estabelecida em Batávia (atual Jacarta), que se tornou o centro da rede comercial asiática da VOC.

O contrabando, assim como as despesas contínuas de guerras, corrupção e a má administração a levaram à falência no final do século XVIII. A empresa foi formalmente dissolvida por volta de 1800 e suas possessões coloniais no arquipélago indonésio (incluindo grande parte de Java, partes de Sumatra, grande parte de Maluku e o interior de portos como Makasar, Manado e Kupang) foram nacionalizadas pela República Holandesa como Índias Orientais Holandesas.

Desta forma, após a abolição da VOC, o governo holandês garantiu o controle sobre o arquipélago e a colonização ganhou novos tons, agora sob a forma de imperialismo. Motivada pelos interesses econômicos holandeses, cujo objetivo era aumentar o mercado de produtos industrializados e também obter matéria prima na garantia de produção com custos baixos. O imperialismo praticado nas Índias Orientais foi retratado como uma "missão civilizadora", ou seja, a noção de que os indonésios eram primitivos e atrasados e que os holandeses, como europeus, iriam civilizá-los e modernizá-los.

No século XX, a ascensão dos movimentos de independência trouxe a ideia de uma Indonésia independente, uma ideia que foi entendida de forma diferente por vários grupos políticos da sociedade. Alguns queriam um estado indonésio inclusivo onde todos aqueles que tivessem um sentimento de pertencimento fossem incluídos; outros, como Sukarno, queriam que a cidadania indonésia fosse definida de forma mais restrita (e etnicamente).

A Segunda Guerra Mundial e a ocupação japonesa foram um ponto dramático para as famílias indo-européias e cidadãos vistos como alinhados com as autoridades coloniais. O aprisionamento de pessoas nas mãos dos japoneses marcou um capítulo especialmente cruel na história das Índias Orientais. O fim do conflito global e a independência da Indonésia resultou na expulsão de mais de trezentos mil holandeses do território, num processo forçado

de diáspora que buscou varrer todo e qualquer vestígio colonial do país. Esta emigração incluía holandeses euroasiáticos e os "mestiços", denominados de indos, índicos ou ainda indo-holandeses, considerados naquele momento como cidadãos europeus.

Algumas famílias de indo-holandeses repatriados na Holanda, não se adaptaram ao clima úmido e frio europeu, decidem então procurar novos horizontes para se estabelecer. Entre as muitas possibilidades, descobriram a existência de uma colônia agropecuarista holandesa no sul do Brasil, onde prevalece um clima subtropical, muito próximo do que conheciam nos tempos coloniais. Então resolveram tentar a sorte e migrar para Carambeí. Deste modo, a composição social de Carambeí se diversificava, formando um caldeirão multiétnico.

## EXPOSIÇÃO

A história dos holandeses na Indonésia é retratada na exposição Indonésia, a presença oriental em Carambeí.

Nela, a cultura material dos imigrantes indo-holandeses evidencia uma cultura híbrida, o impacto da cultura nativa em adornos e vestes e a tradição alimentar da região com objetos de cozinha muito característicos.



Aponte a câmera do seu celular e visite a **EXPOSIÇÃO VIRTUAL**



# FORMAÇÃO HISTÓRICA DO TERRITÓRIO DE CARAMBEÍ

Ao falarmos sobre território, leva-se em consideração que cada região possui sua historicidade. Mas como assim? Cada divisão territorial tem no decorrer de sua história as mais variadas modificações, aparecendo, desaparecendo, adaptando-se e muitas vezes, áreas que pertenciam a uma região passam a pertencer a outras. A territorialidade implica a apropriação humana de um dado espaço e o território que abrange Carambeí também não foge disso. Sendo assim, para compreender a historicidade de Carambeí, será necessário expandir a noção atual do território e considerarmos como parte do município de Castro, a quem pertenceu até 1997.

O município de Carambeí, situado no 2º planalto do Paraná (no qual está os Campos Gerais), compreende um território de 650.000 km<sup>2</sup> e conta com uma população estimada de mais de 24.000 pessoas. Deixou de ser distrito da cidade de Castro no dia 13 de dezembro de 1995, ou seja, uma jovem cidade independente. Porém, como formou sua territorialidade de hoje em dia? O que e como era essa região há 200 anos?

Apesar do grande impacto da imigração na formação social e no desenvolvimento de Carambeí, sua história remonta a tempos mais distantes, começando com os interesses de nobres portugueses em solicitar terras na 5ª Comarca da Província de São Paulo, atual Estado do Paraná. Local que era caminho dos gados que saíam de Viamão e Vacaria em direção à feira de Sorocaba, um grande propulsor da ocupação e povoamento deste território. Era uma região com muitos campos propícios para alimentar os gados que viajavam até São Paulo.

No ano de 1704, é requerida por Pedro Taques de Almeida a sesmaria do lapó, a qual compreendia os municípios atuais de Jaguariaíva até parte de Ponta Grossa. Pedro a solicitou para que pudesse se aposentar nessas terras junto com seu filho e seus genros. Os campos que compreendem Carambeí, em 1733 pertenciam a Bartolomeu Paes de Abreu, genro de Pedro Taques e o mesmo que solicitou a D. João V em 1720, a abertura da estrada de Viamão a Sorocaba. Bartolomeu vendeu suas terras ao cunhado, José de Góes e Moraes.



## Um dos primeiros relatos sobre a denominação Carambeí é de 1746, feita no diário de um tropeiro que cruzara o rio Tibagi:

Dia 24 de janeiro – Passamos este rio Pitanguí de vau, e é muito perigoso. Subimos o campo do Ribas, fica a casa à direita da estrada, fomos caminhando para o osnoroeste, e oeste a passar um arroio pequeno entramos no campo de Caramby, tem as casas à direita.

Após a concessão da sesmaria a Pedro Taques e familiares, outros sujeitos solicitaram sesmarias nas “terras devolutas” dos Campos Gerais. Muitas se tornariam grandes fazendas para paragem de tropeiros e que originariam o território do município de Carambeí. Teremos:

- Bocainã do Olho d'Água – região que hoje faz divisa com o município de Ponta Grossa, saindo no bairro do Borato na mesma cidade. Nessa região, compreende o território do Areião;
- Santa Cruz (à margem esquerda do rio Pitanguí) fazia divisa com Bocainã, na estrada que chega ao município de Tibagi. Lembrando que em todas essas localidades havia paragens para as tropas;
- Carambehy – território que pertencia a Fazenda Carambeí, estruturada a pedido de Pedro Taques de Almeida no ano de 1713, vindo primeiramente pertencer a José de Góes e futuramente, tendo seus moradores mais ilustres, Francisco Teixeira de Azevedo (Teixeirão) e Francisca de Paula Lima (Sinhara do Carambeí). Sua área de abrangência compreende grande parte do que hoje em dia é a cidade de Carambeí;
- São João – como era chamada a sesmaria que José de Góes adquiriu com o tempo, terras vizinhas da fazenda Carambeí, conforme inventário do mesmo;

- Catanduvás – área dividida em duas partes, de grande extensão, entre Catanduvás de Dentro, próximo ao Abapã (distrito de Castro) e Catanduvás de Fora, parte do município de Carambeí. Região essa que compreendia vários sítios, nos quais ofertavam pouso/rancho e vendas aos tropeiros, incluindo a própria capelinha da Nossa Senhora da Imaculada Conceição, tendo suas origens desde meados de 1830 e a construção do templo em 1860;

- Boqueirão - antigamente pertencente a Ponta Grossa, foi terra primeiramente de Antônio Pinto Guedes (genro de Pedro Taques), desmembrada do sul do Carambeí, veio a pertencer a Miguel Rodrigues Ribas, 4º avô do governador do Paraná, Manoel Ribas.

E há registro de uma localização chamada de paragem Pilatos. Sendo Pilatos a região territorial que se delimitava com a Fazenda Carambeí e a Fazenda Areião e também, a denominação da primeira escola na colônia de Carambeí, chamada Carambeí-Pilatos. Feito esse levantamento, conclui-se que, assim como todas as dimensões territoriais referentes a municípios nos dias de hoje, Carambeí também foi uma “colcha de retalhos” oriunda de vários recortes territoriais antes pertencentes a muitos administradores que, com o passar dos anos acabou por ser unificado e originando o espaço territorial o qual conhecemos atualmente.

**Guilherme Castro**



# A indumentária Tropeira

O Tropeirismo teve início em meados do século XVIII no Brasil Colônia, as tropas eram compostas principalmente por muares que eram comercializadas em Sorocaba-SP, além desses animais havia também o comércio de produtos alimentícios, manufaturados, até mesmo produtos importados da Europa. Os tropeiros traçavam rotas, onde o ponto de partida era Viamão - atualmente o estado do Rio Grande do Sul, terminando em Sorocaba - São Paulo. Essa rota, que também é conhecida por muitos como Caminho de Viamão, atravessava os seguintes estados: Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Paraná e São Paulo. Como se tratava de uma viagem longa e de muitos meses, os tropeiros realizavam paradas em pontos específicos, muitos desses pontos deram origem a muitas cidades do Paraná como: Ponta Grossa, Piraí do Sul, Castro e dentre elas Carambeí.

Carambeí fez parte do caminho dos tropeiros, um dos pontos de passagem era a Capela Imaculada Conceição - localizada no bairro rural de Catanduvas e funcionava como local de pernoite dos tropeiros. O espaço onde hoje é a Capela era propriedade de João Fonseca Lemes, ele sediava um barracão para que os tropeiros pudessem se instalar. Também localizada na mesma região, a Casa da Sinhara foi um importante ponto para mencionar a presença tropeira em Carambeí.

O tropeirismo deixou marcas, na gastronomia, no modo de falar, de se vestir e está presente em algumas regiões. Como eles realizavam viagens longas que duravam meses, suas vestimentas tinham que ser adequadas para durarem até o destino final, uma vez que o caminho que enfrentavam trazia muitas dificuldades, como a travessia de rios e descida de terrenos abruptos. Esses trajes basicamente consistiam em um chapéu de feltro ou lã batida, uma camisa que geralmente acompanhava a cor do chapéu, um lenço, usavam também uma capa ou uma manta, que se estendia até os ombros para se proteger do frio, e também a bombacha. O traje tropeiro também contava com botas de couro que iam até o joelho, feitas para a travessia de rios e terrenos alagados.

O traje paulista consiste em roupas de cores sóbrias e sem estampas, e com calças mais justas do que as bombachas, sendo a indumentária tropeira mais conhecida nos dias de hoje. Esse vestuário é usado atualmente por algumas pessoas, em dias festivos por exemplo, em alguns desfiles de aniversários de cidades que porventura tiveram sua presença. Além das festividades, usam o traje cotidianamente para o trabalho no campo. Já o traje do tropeiro biriva consiste nas camisas, ponchos, botas longas, bombachas, chapéus de abas largas, que é a típica indumentária gaúcha.

**Vitória Reis**



# DARIO GODA

Conhecido como Dario Goda, herança do seu avô Gaudêncio que era chamado por sua esposa, Dona Chica, de Goda, apelido que passou para seus filhos e netos. Da quarta geração de tropeiros na família, desde os 7 anos acompanhava seu pai e assim se tornou um amante do movimento. Dario de Oliveira e Silva, nasceu no dia 15 de maio de 1948, na localidade do Maracanã que integra o município de Castro, no Paraná.

Até os 17 anos participou das tropeadas e assim começou a guardar e buscar objetos relacionados com a temática. Algumas das peças da sua coleção pertenceram a sua família, outras ganhou ou comprou. Deste modo, formou uma grande coleção. A paixão pelo tropeirismo tornou Dario um personagem conhecido e que recebeu convite para participar de cinco documentários sobre a temática, com a empresa Cooperativa de Cinema Mídia Digital: Tropeiro Alma sem Fronteiras; Saint Hilaire; 300 Anos dos Campos Gerais; Tropeada do Globo Rural e Zé do Brasil, pelo Canal Futura Giros CNN. Foi figurante do filme A Saga, gravado na cidade de Ponta Grossa. Fez figuração no filme Cafundó, dirigido pelo ator Paulo Betti e que contou com a participação do ator Lázaro Ramos.

Para orgulho do colecionador, algumas peças de seu acervo estiveram no cenário das gravações do filme sobre Anita Garibaldi, interpretada pela atriz Ana Paula Arósio, gravado em São Francisco do Sul – SC. Dario escreveu o roteiro de Herança de Tropeiro, diversas poesias e músicas sobre tropeirismo. Procurou manter viva essas histórias e se orgulhava de fazer parte desta memória. Gostava de contar como era a vida no passado, como eram os objetos e as transformações que ocorreram com o passar dos anos. Sempre que era convidado visitava escolas e contava suas memórias, com trajes de tropeiro, fazia questão de participar também de desfiles cívicos.

A culinária dos tropeiros esteve presente no seu cotidiano, apreciava uma saborosa carne de lata (carne suína frita e conservada na lata com a banha do animal). Paçoca de carne seca era uma das receitas que praticava, gostava de rapadura e até os últimos dias de vida comeu leite com faria de milho, costume que trouxe dos tempos de tropeiro.

Faleceu com 71 anos, no dia 30 de março de 2020. Sua filha, Damilza preserva o seu legado com a iniciativa do Goda Café Rural, estabelecimento em homenagem ao seu pai que abriga também uma espécie de memorial que conta com o acervo do tropeiro que fez história em Carambeí.

**Ana Paula Bonfim**



# MAPA DO PATRIMÔNIO

Como parte do projeto educativo Mapa do Patrimônio, iniciativa colaborativa com a comunidade, o patrimônio regional vem sendo identificado e mapeado. Dentre eles, a cultura alimentar da região emerge como traço da identidade cultural e um dos pratos populares citados é **quirera de porco**.

A canjiquinha, também conhecida como quirera de milho ou péla de égua, é uma iguaria tipicamente mineira, que consiste em milho moído grosseiramente até esfarelar (a ponto de não passar pela peneira) e misturado com carne de porco (geralmente costelinha de porco ou suã) e outros temperos caseiros. Existem ainda variações feitas com carne bovina, frango ou linguiça. Costuma-se servir num prato fundo com couve picada, salteada ou com pimenta.

A verdadeira data de origem da canjiquinha é desconhecida, mas a literatura relata que ela foi feita por volta de 1749. Pode ser considerada uma variante do xerém, que em outras regiões se baseia na quebra e fervura do milho.

Na versão paranaense a quirera com suã tornou-se prato típico de algumas regiões, sendo considerada uma herança dos tropeiros. A iguaria pode ser encontrada na região dos Campos Gerais do Paraná, onde é bastante consumida.

## Receita

1 kg de costelinha de suã ou costelinha de porco  
2 xícaras de quirera de milho  
2 unidades de cebola picadas  
4 dentes de alho amassados  
2 colheres de sopa de óleo  
½ xícara de salsinha picada  
1 xícara de alho-poró cortado em rodelas  
1 maço de manjerona picada  
Pimenta do reino  
Sal

## Modo de Preparo

Coloque a quirera de milho de molho em um pouco de água e reserve. Na panela de pressão, adicione o óleo e frite a costelinha ou o suã até ficar dourado. Retire e, no mesmo óleo, refogue a cebola, os alhos e o alho poró. Depois de fazer o refogado, volte a adicionar as carnes e tempere com sal e pimenta a gosto. Acrescente 2 litros de água, tampe e deixe cozinhar por 45 minutos. Após esse tempo, junte a quirera e a manjerona à panela e cozinhe por mais 15 minutos. Sirva esta receita quente com salsinha polvilhada.



# Turismo Para Todos

A conscientização da importância da acessibilidade tem crescido no Brasil e no mundo. Normas legislativas e políticas públicas são reflexos da importância e da visibilidade que essa pauta voltada para a democratização do acesso aos espaços vem ganhando. O Art. 1º da Lei brasileira Nº 13.146, de 6 de julho de 2015 destina assegurar e promover em condições de igualdade, o exercício dos direitos e das liberdades fundamentais para a pessoa com deficiência, visando à sua inclusão social e cidadania.

Portanto, a acessibilidade é um direito garantido por lei que visa permitir e garantir que todos possam desfrutar das mesmas oportunidades do cotidiano como, também, do lazer e do turismo. E embora, no senso comum, a acessibilidade se limite na eliminação de barreiras físicas, isso não seria mais do que um equívoco. Ainda que as adequações físicas contribuam grandemente para a democratização do acesso, elas não são o bastante.

A questão da acessibilidade nos espaços é muito importante não tão somente para portadores de necessidades especiais que encontram dificuldades no dia a dia, e também, na realização de viagens de lazer, mas inclusive para os que se encontram em situação de vulnerabilidade social.

Deve-se ter em mente que a acessibilidade é a eliminação de todas as barreiras que impedem ou dificultam o acesso aos espaços seja para quem for, promovendo, assim, uma verdadeira participação dos indivíduos das mais variadas esferas da vida social.

Dentro da atividade turística, alguns espaços e equipamentos culturais, como os museus, trabalham com a preservação e difusão do patrimônio cultural, no entanto, em muitos desses espaços há algumas barreiras não tão somente físicas, mas também em suas estratégias e formas de atendimento.

A acessibilidade em museus presume que as exposições, os espaços de convivência, os serviços de informação oferecidos, dentre outros serviços devem estar ao alcance de todas as pessoas. Se tratando dos museus e de outras entidades, a preocupação com a acessibilidade precisa-se ser pensada e bem planejada tendo em vista que a democratização do acesso deve ser um dos principais propósitos de uma instituição cultural. **Cultura é para todos.**

**Fernanda Rodrigues**





Apoio



Patrocínio



FERTILIZANTES



Braslumber



SECRETARIA ESPECIAL DA CULTURA MINISTÉRIO DO TURISMO

